

# HELENA CHAGAS



de Brasília

## A esfinge do tapete

• O Senado é uma espécie de clube. Políticos experientes, ex-governadores, ex e futuros presidentes convivem cordialmente e costumam esquecer as desavenças no chá das cinco ou em mornos debates. Há exceções, como o dia em que um senador matou outro. Ou aquela tarde recente em que seus maiores caciques trocaram ofensas de fazer corar. Mas o tapete azul a quase tudo perdoa.

Hoje, porém, tudo deve ser diferente. O espírito corporativo, que jamais permitiu a cassação de um senador por seus pares, não vai baixar em plenário na sessão secreta em que se punirá o senador Luiz Estevão. E não apenas por conta das razões policiais e concretas que levaram a CPI do Judiciário a concluir que há ligações inequívocas entre as empresas do senador e a construtora responsável pelo desvio de R\$ 169 milhões da obra do TRT de São Paulo.

Estas razões são as mais óbvias. Por isso, primeiro vamos a elas — que chocaram parlamentares que investigavam juízes e de repente acabaram com um colega nas mãos.

Primeiro foram as ligações telefônicas entre os escritórios da OK e o próprio Luiz Estevão e, do outro lado, os escritórios da Incal e seu dono, Fábio Monteiro de Barros. A quebra do sigilo bancário da empresa investigada fez avançar ainda mais a investigação, e aí descobriram-se os depósitos da Incal para o grupo OK, muitos deles coincidindo com as datas em que o Tesouro liberava recursos para a obra do TRT paulista.

A esta altura o senador tentava aparentar a indignação dos inocentes. Fornecia explicações como a amizade entre parentes de um e de outro para justificar os repetidos telefonemas. Outras, mais mirabolantes, tentavam justificar os depósitos com a compra de fazendas ou pagamentos de dívidas antigas.

Foi quando a situação de Luiz Estevão começou a se complicar. Nem a CPI nem o Conselho de Ética do Senado ficaram satisfeitos com as explicações, cada dia mais complicadas à medida que se fortalecia a convicção de que laços muito fortes uniam mesmo as duas empresas. Os senadores passaram a considerar, no mínimo, falta de decoro o fato de o senador não ter contado a verdade sobre suas ligações com a Incal à CPI que investigava o Judiciário ou ao Conselho que analisava o pedido das oposições para cassar seu mandato.

Mas, nesse ponto, o PMDB lutava pela sorte de Estevão, homem abastado que, dizem, teria ajudado colegas a se eleger com aquele tipo de contribuição

de campanha que passa longe dos olhos do TSE.

O presidente do partido, Jáder Barbalho, comprou a briga por outro motivo. Afinal, Antônio Carlos Magalhães, o pai da CPI do Judiciário, estava do outro lado. E houve um momento em que o caso Estevão passou a ser político, capítulo dá maior briga dos últimos tempos no Senado e na base governista.

Mas o lado policial voltou a falar mais alto. Em questão de poucos dias a Polícia Federal anunciou que indiciaria o senador por peculato e formação de quadrilha, enquanto o Ministério Público desencavava um contrato de gaveta em que finalmente Estevão comprava as ações da Incal. No último fim de semana, um bilhete de Fábio Monteiro de Barros para o senador, datado de janeiro de 1999 — e, portanto, durante o mandato de Estevão — deu o tiro final: carta de sócio pedindo socorro financeiro a sócio.

Tudo isso basta para cassar Estevão. Mas não é, por si só, suficiente para explicar por que o senador será cassado hoje. Afinal, sem querer desmerecer a Casa, houve outras ocasiões em que senadores acusados de delitos diversos foram absolvidos por seus pares.

Luiz Estevão cai também pelo pecado da arrogância, por ter subestimado colegas, imprensa, procuradores, Justiça. E, sobretudo, por ter ignorado ritos e tratado o Senado Federal como se Assembléia Distrital fosse. Ao cair de pé, sempre atirando, o senador do DF insistia em negar fatos que se tornariam claros no dia seguinte; esbravejava com funcionários e tentava empurrar explicações primárias para cima de gente que tem de política mais tempo do que ele de idade.

Não aprendeu os caminhos da Casa, a hora e a forma de apresentar seus pedidos. Os gabinetes e corredores certos para se aconselhar. Comportamento, aliás, em tudo parecido com o de um certo amigo seu, que acabou também perdendo o mandato. Só que de presidente.

Estevão pode estar sendo cassado por muitos motivos. O principal, talvez, não ter conseguido decifrar o enigma da esfinge que se chama Senado. Decifra-me, ou devoro teu mandato.